

# *Projeto Imburana*

Edson Barrus





No dia 28 de abril comemora-se o Dia Nacional da Caatinga, único bioma 100% brasileiro e um dos biomas mais povoados (são mais de 20 milhões de brasileiros vivendo nos 850 mil km<sup>2</sup>) que representam cerca de 10% do território nacional, abrangendo todos os estados do Nordeste e do norte de Minas Gerais. Mais do que comemoração, a data pede ações urgentes de restauração do bioma. De acordo com dados do Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste (Cepan), em Pernambuco, de um total de sete milhões de hectares de Caatinga mapeados<sup>1</sup>, apenas 46,89% apresenta hoje cobertura florestal, ou seja, mais da metade, 51,06%, foi convertida em áreas para usos agrícolas e pastagens. Nas áreas localizadas às margens de cursos hídricos, denominadas pela lei de proteção à vegetação nativa de Áreas de Preservação Permanente (APPs) onde há a obrigatoriedade de cobertura florestal em toda sua extensão, apenas 30,3% estão cobertas por floresta. Os 64,3% restantes estão ocupados com atividades agropecuárias.

De 60 milhões de hectares distribuídos entre os estados do Nordeste e a região Norte de Minas Gerais, cerca de 40% do bioma foi desmatado e é ocupado por agricultura e pastagens, e cerca de 20% está em processo ou suscetível à desertificação. O estudo aponta ainda que 37,97% do bioma é ocupado por atividades que têm como destaque as pastagens, e 59,4% dessas áreas são de floresta, enquanto o restante dos territórios está dividido em outros usos. Já em relação às APPs ao longo de toda área mapeada, o estudo demonstra que apenas 50,3% têm cobertura vegetal, enquanto

<sup>1</sup> O levantamento faz parte da primeira fase do projeto O Papel da Restauração Ecológica na Sustentabilidade da Caatinga, realizado em parceria com o Laboratório de Ecologia Aplicada da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e com professores e pesquisadores convidados de diversas Universidades. Publicado em 28 de abril de 2020: <https://nilljunior.com.br/mais-da-metade-da-caatinga-foi-perdida-estudo/> Acesso: 7 de outubro 2020

43,23% estão ocupadas com atividades agropecuárias ilegais. A ausência de vegetação nessas áreas promove um impacto negativo, inclusive às populações humanas do bioma, pois a vegetação assegura a qualidade dos rios, ajudando a reter sedimentos e minimizando os danos causados às calhas, além de ajudar na melhoria da qualidade e disponibilidade hídrica ao longo do ano na região.

Para o coordenador de Projetos do Cepan, Joaquim Freitas, os dados preocupam e denotam “**a importância de criar-se mais unidades de conservação para preservar o que ainda existe e, além disso, estimular as atividades de restauração**”, À medida que as fronteiras de desertificação avançam, pressionam a população a situações extremas, podendo chegar até à necessidade de relocação. Segundo os dados do Painel Intergovernamental para as Mudanças Climáticas (IPCC), a Caatinga é um dos biomas a serem mais afetados pelos efeitos nocivos das mudanças climáticas no mundo. Ainda, segundo o órgão, é possível que em cerca de 50 anos, já se inicie um quadro de refugiados do clima. “Esse cenário em que você tem os efeitos prejudiciais das mudanças climáticas agindo no bioma e uma pressão sobre os recursos naturais aliados a um cenário de desmatamento, que está em avanço na região, demanda urgentemente políticas públicas para a sua resolução”.

Na Caatinga, especialmente, as questões sociais e ambientais se confundem, devido à vulnerabilidade social do bioma. “Quando falamos na Caatinga, estamos nos referindo ao ecossistema semiárido mais populoso do planeta. São cerca de 27 milhões de pessoas morando nessas áreas que, muitas vezes, fazem parte das regiões mais pobres do Brasil e mais carentes de todos os tipos de recursos”.



Imburana, amburana, amburana-de-cambão, imburana-braba, imburana-de-espinho, imburana-fêmea, imburana-vermelha, jamburana, emburana, imburaninha, IMBURANA DE CAMBÃO — Planta nativa da caatinga, que perde rapidamente as folhas com a chegada da estação seca (decídua), necessita de total exposição solar (heliófita), e que vive em ambientes áridos, capaz de suportar grandes déficits de água (xerófita). Apresenta dispersão contínua, porém ampla. Tem suas sementes disseminadas por pássaros. Preferem solos calcários, bem drenados e profundos. As primeiras flores aparecem no fim da estação seca (de novembro a janeiro), em ramos ainda desfolhados, mas acompanha o início da nova folhagem na estação chuvosa. Os frutos amadurecem de 4 a 5 meses depois, com o início da queda das folhas. Propaga-se por sementes e por estacas.

### 1 – NOMECLATURA

Nome científico: *Commiphora leptophloeos* (Mart.) J.B. Gillett

Família: Burseraceae

Sinônimo: *Bursera leptophloeos* Mart. e *Icica leptophloeos* Mart.

### 2 – OCORRÊNCIA

Nordeste brasileiro, nas caatingas arbórea-arbustiva de terrenos calcários, é freqüente no vale médio do São Francisco. Registrada também no pantanal mato-grossense.

### 3 – DESCRIÇÃO

Árvore resinosa com 6-9 m de altura, com copa muito esgalhada e ramos tortuosos, dotada de espinhos agudos e fortes.

Caule com até 60 cm de diâmetro, casca do tronco lisa, que se desprende em lâminas finas e lustrosas, muito irregulares, variando de cor conforme a idade da planta (verde quando jovem e laranja-avermelhado quando idosa) deixando exposto o caule de coloração verde.

Folhas alternas, compostas, imparipinadas, de 3-9 folíolos (geralmente 7) de coloração verde claro.

Flores pequenas, de 3-4mm de comprimento, verde bem claro, isoladas ou reunidas em pequenos grupos axilares.

Fruto: cápsula globosa deiscente, com 1,5cm de diâmetro, de cor verde, com polpa agri-doce, comestível quando bem maduros, contendo uma semente rígida e rugosa com diâmetro maior que 1 cm, de coloração negra em seu interior e branca na base, onde é coberta por um arilo vermelho.

Madeira: é leve (densidade 0,43g/cm<sup>3</sup>), de textura média e coloração creme quando recém cortada, passando a castanho claro rosado ao envelhecer.

Reprodução é sexuada e ocorre durante a estação chuvosa. As sementes apresentam baixa longevidade quando armazenadas e um quilo de sementes tem cerca de 5.300 unidades. A germinação ocorre em algumas semanas e o percentual de germinação das sementes é inferior a 50%. Também pode ser propagada por estacas (Andrade-Lima 1989; Maia 2004).

Floração: novembro a dezembro.

Recurso floral: pólen e néctar.

#### 4 -USO

Apresenta valor madeireiro elevado e diversificado, sendo utilizada na marcenaria, construção civil, estacas, caixotaria, tábuas, portas, janelas, esquadrias, móveis e artesanato (para confecção de carrancas e esculturas diversas).

Com tronco e copa frondosa, pode ser utilizada como planta ornamental na arborização de parques e ruas. Em sistemas agroflorestais é utilizada como quebra vento, além de servir de abrigo e alimento para as abelhas silvestres sem ferrão (gêneros *Melipona* e *Trigona*) que fazem seus ninhos em troncos ocos de imburana, que por sua vez aumentam o índice de polinização nas plantações, sendo ainda muito usada em cercas vivas.

Resina: a resina produzida em seu tronco é utilizada no fabrico de vernizes e lacres.

Óleo: de sua semente extrai-se um óleo que tem efeito medicinal. A extração de óleo na medicina popular é utilizada como xarope (contra tosses e bronquites), tônico, e cicatrizante, no tratamento de feridas, gastrite e úlceras. No Brasil, as sementes de Imburana também são utilizadas na preparação de rapé medicinal. Manutenção da biodiversidade: representa um importante recurso para alimentação de animais silvestres como sagüins, abelhas,

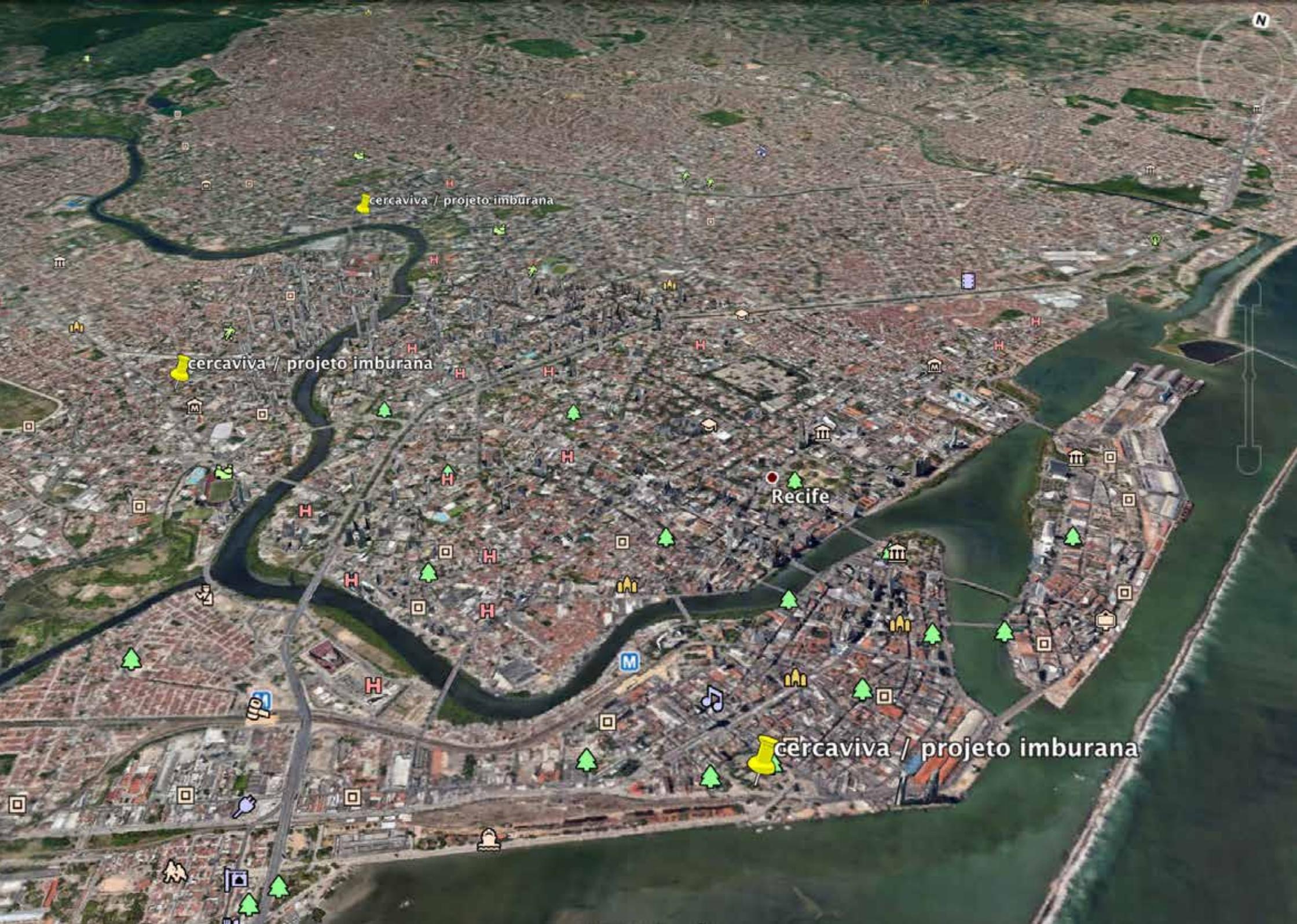
mariposas e outros insetos importantes na polinização das demais espécies da área. Seu tronco muitas vezes é utilizado como habitat de abelhas e vespas nativas. Apresenta também valor alimentício e forrageiro (Andrade-Lima 1989; Maia 2004).

Cultivo: é feito em canteiros semi-sombreados e irrigado duas vezes por dia. A emergência da plântula ocorre em algumas semanas e a taxa de germinação é inferior a 50%. Antes do plantio definitivo, as mudas devem ser transplantadas para embalagens individuais e mantidas em canteiro de espera por cinco a sete meses, quando então estão prontas para o transplante definitivo em campo. O mercado de comercialização não é organizado, sendo a exploração do tipo extrativista.

É uma espécie que requer urgente subsídio para o desenvolvimento de estudos científicos, no que concerne a metodologias de propagação com produção de mudas mais eficientes, em razão da grande demanda da madeira desta planta. Também requer estabelecimento de programas de manejo florestal sustentável e campanhas educativas junto a artesões, apicultores, produtores de comunidades locais e cortadores de lenha. A falta de incentivo financeiro, aliada a pressão desorientada de exploração têm levado a uma redução do tamanho das populações de imburana, o que num futuro próximo levará a redução na disponibilidade da espécie.

O Projeto Imburana parte da iniciativa de preservar uma árvore de imburana cada vez mais rara de se encontrar no semiárido pernambucano devido à derrubada descontrolada, e desdobrou-se em situações de visibilidade e consciência do risco de extinção por que passa essa espécie. A plantação é uma delas. Platamos, até o momento, 130 unidades de imburana. Acessíveis, presencial e virtualmente, pela geolocalização das plantações.





cercaviva / projeto imburana

cercaviva / projeto imburana

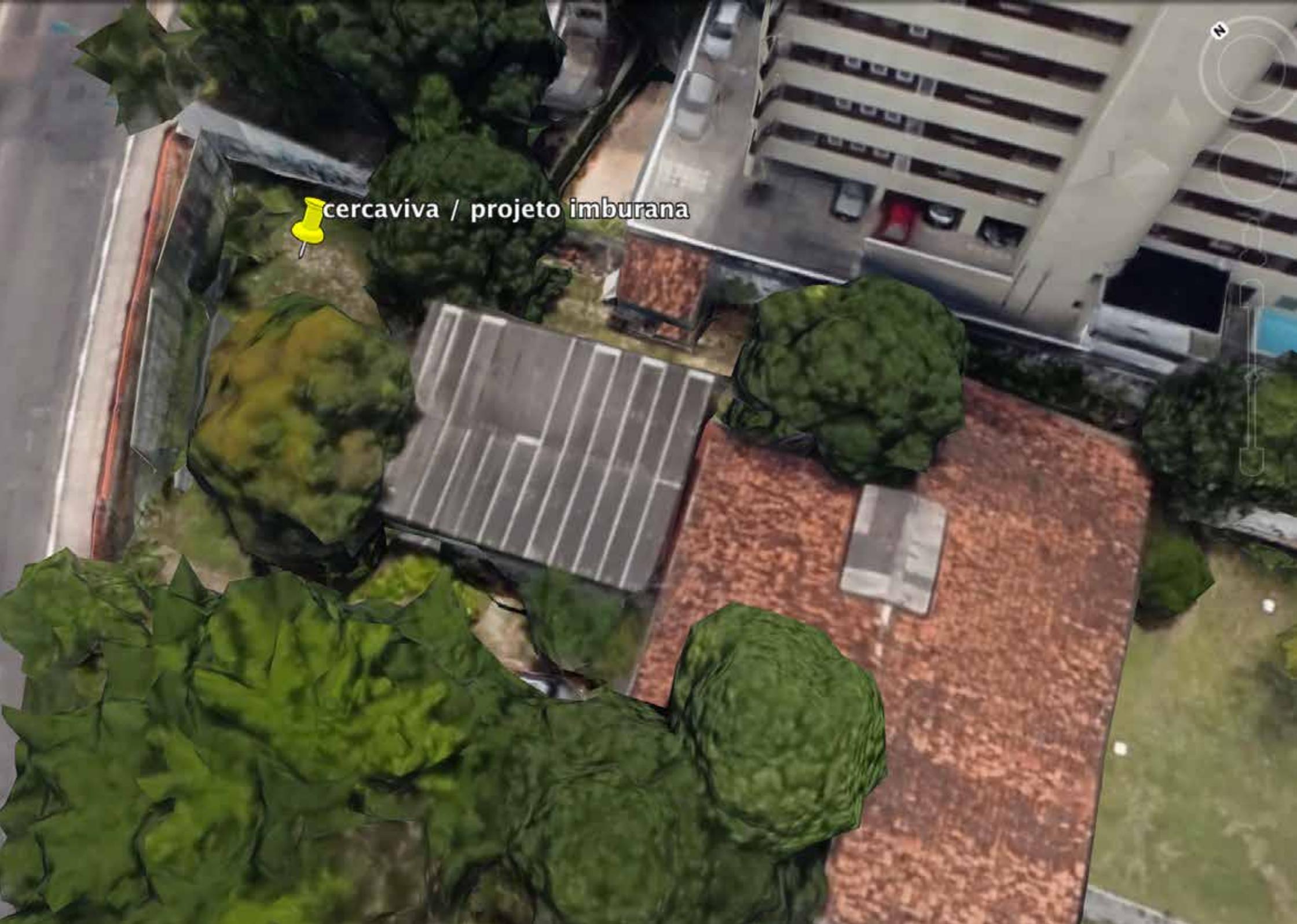
Recife

cercaviva / projeto imburana

**PlantAções:** A ação de plantar é uma iniciativa de visibilidade necessária diante do estado de emergência do ecossistema. As plantAções são reflorestamentos. São pequenas contribuições de uma arte que se preocupa com a remediação ecológica, em ações que buscam saídas para o problema do aquecimento global.



 **cercaviva / projeto imburana**



Construir cercas vivas utilizando estacas de imburana, é costume antigo no interior do nordeste brasileiro, A imburana é uma árvore fácil multiplicação, devido a facilidade de enraizamento de suas estacas, o que ajuda nos **processos de reflorestamentos em áreas da caatinga**.

Para serem plantadas, basta cortar alguns galhos de diferentes diâmetros e deixá-los encostados em pé, por exemplo, em uma cerca. Algum tempo depois, as estacas começarão a enraizar e brotarão novos galhos. A partir desse ponto, deve-se fazer covas, e colocar uma estaca por cova. Espalhe terra em volta da estaca para lhe dar sustentação.

Muitas pessoas plantam os galhos direto, não os deixam ficar por algum tempo em pé.

Essa técnica é muito vantajosa, pois se você plantar uma imburana a partir da semente, ela demorara muito para se tornar uma árvore adulta, e na maioria das vezes, bodes e cabras comem a pequena muda. Enquanto que, as mudas feitas a partir de estacas, terão um desenvolvimento bem mais rápido e, devido a sua altura, os animais não atingem os galhos mais altos, o que garante a sobrevivência da nova árvore.

No mais, ás arvores que têm seus galhos cortados, não sofrem nenhum dano, portanto não há agressão à natureza nesse processo, pelo contrário, se esse costume se expandisse, a imburana e mais algumas plantas da caatinga, teriam a chance de permanecerem vivas.







As histórias da imburana e da arte se entrecruzam no fomento de matéria-prima da imburana para a confecção de esculturas, de matriz das xilogravuras e utensílios (colheres de pau, gamelas, cachimbos, bancos). Com ela também se fabricam colchões, colmeias para a apicultura, cangas ou cambão para os animais puxarem carroças, daí seu nome.

A madeira da imburana é macia e responde bem ao corte e a lixa. Por ser maleável, e por ser protegida (para sempre) do cupim, é uma das preferidas por artesões e escultores contemporâneos do nordeste. Este fato, além do seu uso como lenha, pode ser percebido como soma aos fatores contribuintes ao processo de extinção da imburana. Porém, Mestre Bitinho argumenta que o artesão “aproveita pedaços” de imburana, a madeira achada. “O carranqueiro, o artesão, não acaba madeira não. Quem acaba madeira é o Governo. Aqui em Pernambuco, acabaram tudo. Os projetos acabaram com as imburanas que tinha perto. Cortaram tudo! Essa Agrovale acabou com tudo também! Milhares de hectares para plantar cana.»

Efrain de Almeida, Manoel Graciano, Nino, Véio, José Bezerra, Manoel Santeiro são alguns artistas estabelecidos, entre tantos, que usam a imburana para fazer suas obras, mesmo que com pedaços caídos encontrados na mata, a relação com a natureza é extrativista.

Carrancas, santos e utensílios de cozinha, portas, móveis, colméias, cambãos. Esculturas e artesanato, as cascas, as folhas, as sementes e carvão compõem o imaginário Museu da Imburana.

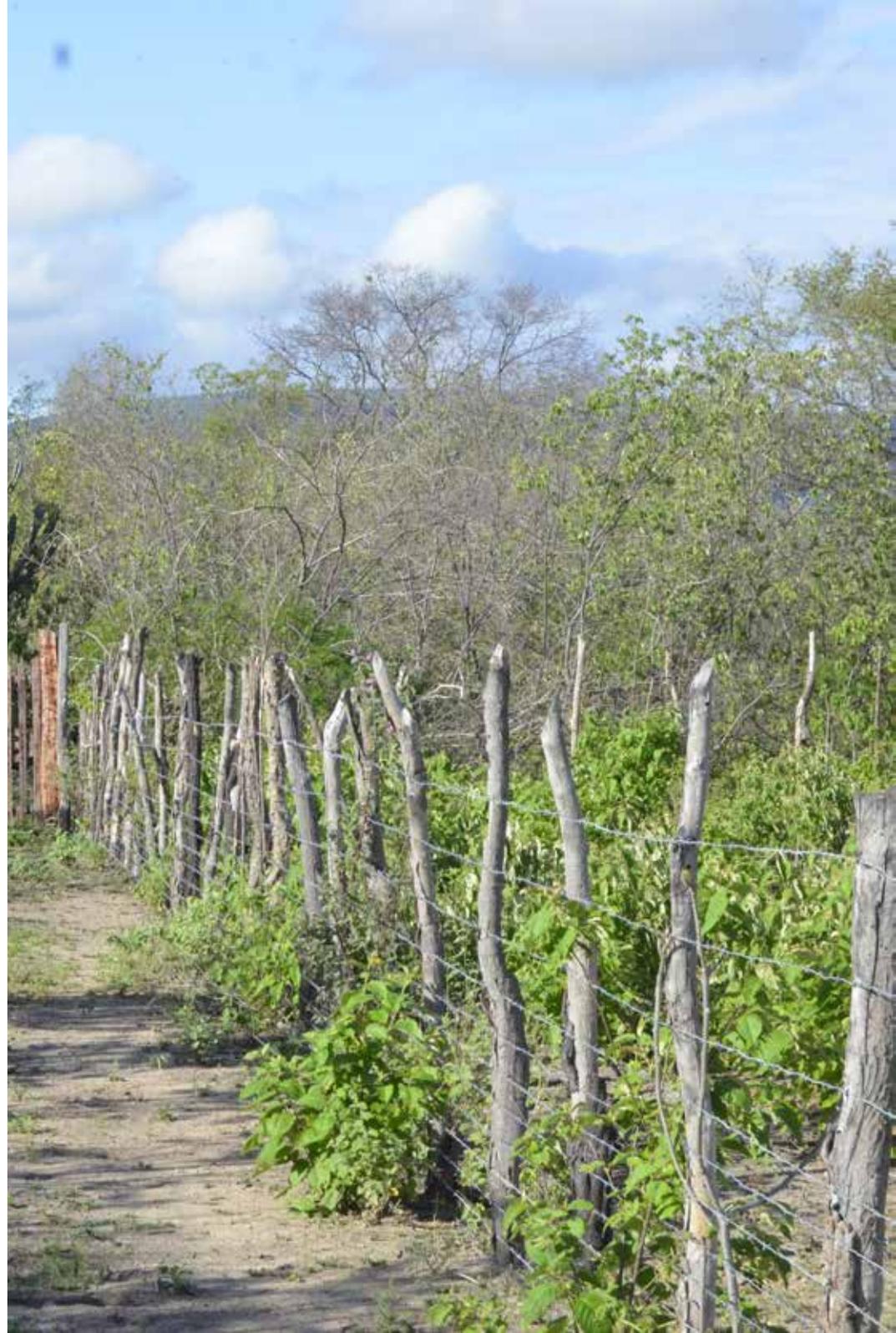
A preservação da Imburana também tem a sua história cruzada com a arte. É a partir da iniciativa de alguns artesões e artistas que a imburana viabiliza a sua salvação enquanto espécie. A Oficina de Carrancas

Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany, tem em Santa Maria da Vitória - BA, um projeto de reflorestamento de imburanas. A Associação de Santeiros de Ibimirim, tem um projeto, não viabilizado, de produção de mudas e plantio de 1.000 árvores. Esses artistas, juntos com os apicultores da região, estão defendendo o tombamento da imburana, como medida protetora.

**Um milhão de espécies estão em risco de extinção**, de acordo com o relatório de maio/2019 da Plataforma Intergovernamental para Biodiversidade e Serviço Ecosistêmico (IPBES), Pela redução e mudança das áreas de ocorrência de várias espécies. Muitas das espécies ameaçadas não são conhecidas ou são pouco consideradas devido a distribuição restrita ou endêmica, caso da imburana de cambão que é endêmica da caatinga. O relatório alerta que cada espécie perdida afeta nossa qualidade de vida e demanda ações mais efetivas para reverter a degradação ambiental, lembrando nos que a questão ambiental tem que ser cuidada do indivíduo até comunidades.

Em um contexto de desmatamento agressivo com fins ao cultivo agrícola mercantil e a produção comercial de carvão vegetal a iniciativa do Projeto Imburana de preservação do patrimônio natural da caatinga do sertão pernambucano é exemplar e didática, e soma-se às iniciativas de artistas que tentam dar visibilidade, propor saídas ao problema nem sempre bem sucedidas e conscientizar a população do risco de extinção da imburana.

Em Notas de uma recém-chegada, Lucy Lippard escreve que não pode ser subestimado o potencial reconstrutivo de uma prática de arte que restaura e revela o significado de um lugar para aqueles que vivem nele,



fornecendo alternativas para a visão voraz de natureza da cultura dominante. Esta arte que ocorre fora dos locais convencionais, torna visível o seu local ao invés de simplesmente ocupa-lo é 'place-specific' mais do que que 'site-specific', incorporando pessoas, forças econômicas e topográficas. Ela torna-se parte na construção de uma crítica do já instituído e/ou no envolvimento diário. Faz com que os lugares signifiquem mais para aqueles que vivem ou passam tempo nele. Para a autora, a atração do Local está embutida na terra, na história e na cultura e nas possibilidades que eles possuem como Place-specific, "arte pública» adequada ao lugar. (The Lure of the Local, 1997).

Ainda, de acordo com Lippard, se os lugares são histórias que esperam ser descobertas, os artistas podem ser os contadores de histórias que podem relacionar o local com as narrativas mais grandiosas, mais familiares e talvez mais insidiosas. Para a autora, os artistas podem ser muito bons em expor as camadas de ressonância emocional e estética em nossos relacionamentos com o local. Mesmo que muitas vezes não consigam atingir seus objetivos comunicativos, uma arte específica do lugar (Place-specific) oferece vislumbres tentadores de novas maneiras de entrar na vida cotidiana.

.....Toda a arte é um dispositivo de enquadramento para a experiência visual / ou social.....Oferecendo visões múltiplas das maneiras em que um espaço ou um lugar pode ser e é usado.....

..... Local Art que se funde com e / ou ilumina um lugar.....

...Uma arte governada pela **Place-ethic** seria:

**ESPECÍFICA** o suficiente para envolver as pessoas no nível de suas próprias experiências vividas, para dizer algo sobre o lugar como é ou foi ou poderia ser.

**COLABORATIVA** pelo menos na medida em que buscam informações, conselhos e feedback da comunidade em que o trabalho será colocado.

**GENEROSA** e **ABERTA** o suficiente para ser acessível a uma grande variedade de pessoas de diferentes classes e culturas, e a diferentes interpretações e gostos. ( Títulos e legendas ajudam muito aqui; Parece puro esnobismo - mesmo que não intencional - reter do público em geral o tipo de informação vital que pode ser acessível aos conhecedores). **ATRAENTE** o suficiente visualmente ou emocionalmente para chamar a atenção e ser memorável.

**SIMPLES E FAMILIAR** o suficiente, pelo menos na aparência, para não confundir ou repelir potenciais espectadores-participantes.

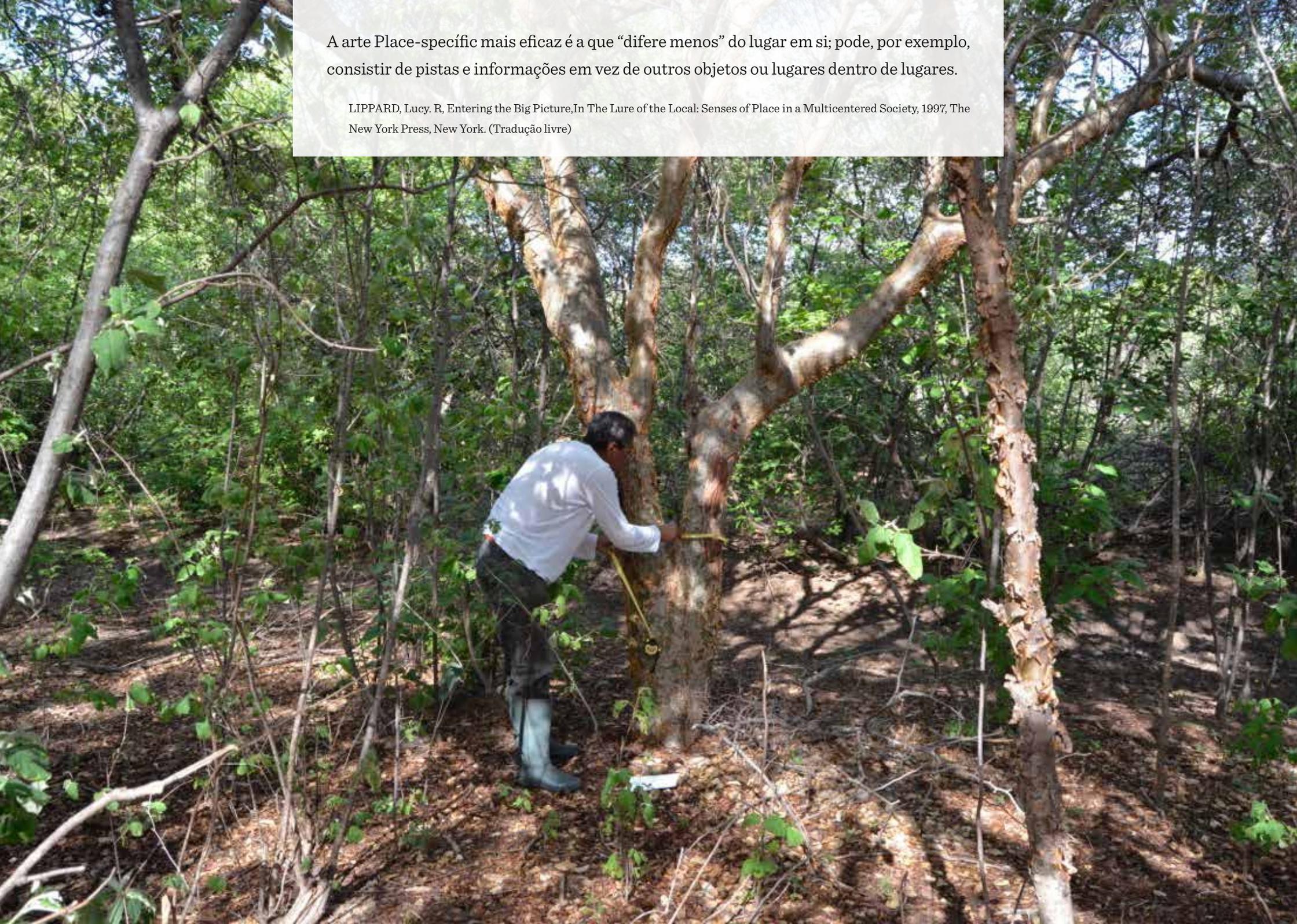
**EM CAMADAS, COMPLEXA E POUCO FAMILIARIZADA** o suficiente para manter a atenção das pessoas, uma vez que eles foram atraídos, Para fazê-los admirar, e para oferecer experiências cada vez mais profundas e referências para aqueles que "perduram» dentro.

**EVOCATIVA** o suficiente para fazer as pessoas lembrar momentos relacionados, lugares e emoções em suas próprias vidas.

**PROVOCANTE** e **CRÍTICA** o suficiente para fazer as pessoas pensar sobre questões que ultrapassam o âmbito do trabalho, para pôr questão pressupostos superficiais sobre o lugar, a sua história, e seu uso.

A arte Place-specific mais eficaz é a que “difere menos” do lugar em si; pode, por exemplo, consistir de pistas e informações em vez de outros objetos ou lugares dentro de lugares.

LIPPARD, Lucy. R, *Entering the Big Picture*, In *The Lure of the Local: Senses of Place in a Multicentered Society*, 1997, The New York Press, New York. (Tradução livre)



**Ação de plantar :** A plantação é reflorestamento. Constitui-se de iniciativas de visibilidade necessárias. São contribuições de uma **arte que se preocupa com a remediação ecológica**, em ações que buscam saídas do problema do aquecimento global. Temos que fazer algo, temos que re-Agir urgentemente. No projeto imburana, plantamos até o momento, 130 unidades da planta: 3 estacas plantadas em museus do Recife, 1 muda na Trienal Frestas de Sorocaba, e um Renque de 126 estacas no terreno.

Desde a década de 1960, a questão do reflorestamento, se evidencia em trabalhos de arte. Com o desenvolvimento de soluções originais e viáveis para a reabilitação de locais degradados, a remediação de solos, águas, reflorestamentos e, em geral, a reintegração de fauna e flora.

O artista americano Alan Sonfist criou em 1965 ‘Time Landscapes’, uma floresta dentro do centro urbano de NY para, segundo o artista, **“visualizar uma maior compreensão de nossa história natural”**. Time Landscape foi concebida em 1965 e plantada em 1978, 13 anos após sua concepção; consiste em plantas que eram nativas da área da cidade de Nova York nos tempos pré-coloniais, re-plantadas em um terreno retangular de 45 pés X 200 pés (13,716mX60,96m = 836,2736m<sup>2</sup>), **demarcado por grades** e situado na parte inferior de Manhattan, no canto nordeste de La Guardia Place e West Houston Street.

**Daniel Caballero:** recupera na periferia e re-planta em praças e terrenos do centro, espécies nativas do cerrado, um bioma em risco de extinção, mas que também existem em São Paulo.

Os 2 trabalhos acima, tratam de recuperação de espécies originais, replante em centros urbanos, com ênfase no papel educador do arte e compromisso ecológico do artista, porém o projeto imburana tem

afinidades conceituais mais acentuadas à prática de Sonfist. Quando Sonfist fala em **“visualizar uma maior compreensão de nossa história natural”**. Como nos textos originais do projeto imburana, ele também dá ênfase na visualização do problema, como preocupação de trabalho.

**Assim como os artistas de Land Reclamation (60-70) no projeto imburana encaramos nossa prática artística como parte de um esforço ecológico mais global. Atuando concretamente na reabilitação em um local que sofreu danos.**

- Considerar a natureza como discussão escultórica, Time Landscapes é uma escultura ambiental, e o projeto imburana também se inscreve no campo da arte. “Nous ne pouvons pas séparer l’art de la nature”. Em 1971 Robert Smithson propõe **projetos de reabilitação** que permitam que **locais degradados adquiram status artístico**. Smithson escreve: Em todo o país existem campos de carvão, pedreiras abandonadas, lagos e rios poluídos. Uma forma eficaz para usar esses lugares devastados seria reciclar a terra e a água como parte do Land Art (Robert SMITHSON, “Untitled”, in The Writings of Robert Smithson, 1979, p. 220.) Smithson queria “acentuar as cicatrizes da paisagem, trabalhando na memória do local garantindo que os delitos da exploração industrial não fossem esquecidos.

Podemos também evidenciar as afinidades do Projeto Imburana com a prática do Sonfist nas operações seguintes:

- A implicação da instituição na iniciativa de salvaguarda de espécie em risco de extinção no ARC de Filand: “Selecionamos 100 museus com esta confiança. O CRA pode ser exibido com a instrução ane-



xada. Eventualmente, os ARCs serão devolvidos ao museu original quando a floresta for destruída. “

- A delimitação de área: a grade construída em Time landscapes e a grade prescrita em ARC of Finland, operam nos 2 projetos de Sonfist, uma visão em perspectiva de proteção: “with a special enclosure to protect them for future generations». Essa visão de proteção, também com cerca, para o futuras gerações se verifica no projeto Imburana.

Desde o final da década de 1970, Alan Sonfist, projetou mais de quinze projetos de reflorestamento em áreas urbanas e peri-urbanas. Obras que lembram os moradores da cidade da história natural e, em certos aspectos, da história cultural de sua região. Em Cercaviva nota-se esse caráter da obra **se estendendo para outros lugares**, vamos encontrar essa operação também em 700 carvalhos e nos projetos que os projetos de reabilitação de lugares desgastados de Smitson.

A concepção de um esquema de plantio de árvores “que se expande para outros lugares” remete ao esquema de plantações da Cercaviva do projeto imburana, bem como, a fila carvalhos de beuys remete ao Renque de imburanas.

Em 1982, Joseph Beuys começou o projeto 7000 Oaks na Documenta 7, em Kassel, Alemanha. Seu plano previa o plantio de 7.000 árvores por toda a cidade de Kassel - cada uma emparelhada com uma pedra colunar de basalto com aproximadamente um metro e meio de altura e posicionada acima do solo. O projeto levou cinco anos para ser concluído e a última árvore foi plantada na abertura da Documenta 8 em 1987. Beuys pretendia que o projeto Kassel fosse a primeira etapa de um esquema em andamento de plantio de árvores que se estenderia por todo o mundo como parte de uma missão global para desencadear mudanças ambientais e sociais. Localmente, a ação foi um gesto de renovação urbana.

7000 Oaks ; Kassel, 1982-1987, Documenta 7-8. 7000 Oaks, Chelsea, NY, 1988 – Dia Art Foundation. Em 1988, a Dia Art Foundation instalou cinco colunas de pedra de basalto emparelhadas com cinco árvores na 548 West 22nd Street, expandindo 7000 (7000 Oaks) para Nova York. Em 1996, a Dia ampliou a instalação plantando 25 novas árvores, cada uma emparelhada com uma pedra de basalto, na West 22nd Street, da 10ª à 11ª Avenida. Nesse momento, Dia também adicionou sete pedras ao lado de árvores preexistentes, elevando o total do projeto para 37 árvores com pedras. As espécies de árvores representadas incluem pera Bradford Callery, Hackberry comum, ginkgo, pagode japonês, Zelkova japonesa, Littleleaf Linden, Pin Oak, sicômoro e Locustídeo de espinho.)

Em 1992, Sonfist enviou pacotes semelhantes para 100 museus. Na carta que o acompanha, ele escreveu que era hora de a arte começar a celebrar a natureza, em vez da conquista humana. Ele expressou preocupação particular com a poluição e a ameaça que essa conquista representava para as florestas do mundo. Os pacotes de sementes do ARC enviados aos museus pelo Sonfist são como cápsulas do tempo em miniatura, ou arcas, carregando as sementes do futuro.

Alan Sonfist - ARC da Finlândia VIII / XX, 1992  
carta, pedaço de madeira

“Caro diretor

À medida que nos aproximamos do final do século, as condições ambientais estão mudando rapidamente. O planeta inteiro está aque-



cercaviva / projeto imburana

cendo e a água e a terra estão sendo alteradas pela poluição industrial. Não podemos separar a arte da natureza.

Tradicionalmente, a arte celebra atos de importância humana, como heróis de guerra, como cavalos de bronze. Agora que percebemos nossa interdependência com o meio ambiente, devemos prestar homenagem ao nosso patrimônio natural.

Desde a década de 1960, venho criando ‘Time Landscapes’, florestas em nossos centros urbanos para visualizar um melhor entendimento de nossa história natural. Agora que as condições ambientais em todo o mundo estão mudando rapidamente, as florestas mundiais estão se expandindo. A crescente poluição industrial está destruindo árvores básicas em todo o mundo, como o abeto na Finlândia e o bordo de açúcar nos Estados Unidos. Eles desaparecerão no próximo século.

Como obra de arte, confio ao seu museu o ARC of Finland, que contém sementes de árvores ameaçadas de extinção da região norte da Europa. Selecionamos 100 museus com esta confiança / para esta tarefa. O ARC pode ser exibido com a instrução anexada. Eventualmente, os ARCs serão devolvidos ao museu original quando a floresta for destruída. As sementes serão então plantadas em um invólucro especial para protegê-las para as gerações futuras.” Alan Sonfist.

Agumas ideias portam uma percepção alegórica e transcendente da natureza, como vemos no Cristo Redentor / Série Transcendências de Chang Chi Chai, cuja proposição é plantar mudas de ipê amarelo na cidade do Rio de Janeiro formando o contorno ampliado da sombra da estátua do Cristo Redentor projetada a partir de suas costas. A ideia de “plantar para que os descendentes desfrutem” compartilha a perspectiva de futuro com o projeto imburana e as preocupações de “Protejer

para as gerações futuras” dos projetos de Sontfist e também de Smithson e Beuys, como se fosse inerente aos trabalhos de reflorestamento esse “estado de allors”, pra depois.

No entanto, a inserção de obras de reflorestamento no campo da arte não é perceptível nas iniciativas de artistas como Mestre Manoel que, em conjunto com a Associação de Santeiros de Ibimirim, tem um projeto que é não viável, para a produção de mudas e plantio de 1000 árvores. Esses artistas, assim como os apicultores da região, defendem a transformação da imburana em patrimônio público oficial, como medida de proteção. A preocupação salvacionista da proposta ganhou visibilidade e produziu discussão na mídia e na política, mesmo que projeto que não tenha vingado.

A Oficina de Carrancas Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany desenvolve um projeto de reflorestamento de imburana em Santa Maria da Vitória — BA. O artista plástico polonês Franz Krajberg morou no sul da Bahia, onde manteve seu ateliê no Sítio Natura, no município de Nova Viçosa. Neste Sítio, com área de 1,2 km<sup>2</sup>, vestígio de Mata Atlântica e manguezais, o artista plantou mais de dez mil plantas de espécies nativas.

Sebastião Salgado e sua esposa Lélia replantaram 2,5 milhões de árvores em Minas Gerais. Eles enfrentaram o desafio, há quinze anos, de replantar as árvores perdidas, nos 750 hectares da antiga fazenda de seu pai, devastada pelo desmatamento, para “reviver o ecossistema da Mata Atlântica”

No entanto, esses artistas não reivindicam essas iniciativas como arte.

Edson Barrus, 8 de outubro de 2020.

**Edson Barrus** nasceu em Carnaubeira da Penha, PE. Indígena urbano do Povo Atikum-Umã, Doutor em Psicologia Clínica-PUC-SP com pós-doutorado em Ensino da Arte — UFPB. Artista multimídia, interessado em criar situações de fomento ao pensamento da arte. Autor do projeto Cão Mulato, Ativador do Espaço Experimental Rés do Chão no Rio de Janeiro, do Espaço Bcubico (com Yann Beauvais) no Recife e das Quarentenas de Arte Açúcar Invertido; atua como arTrainee gerenciando processos de produção criativa. Publicou nas revistas Arte & Ensaio, Concinitas, Arteriais, Item, Lugar Comum e Gruppen. Há 3 anos, dedica-se a salvar uma árvore de imburana-de-cambão e cria estratégias de visibilidade para alcançar esse objetivo. Livros publicados: yb150213 (Org.) ISBN: 978-85-92970-00-0 e arTrainee ISBN: 978-85-92970-02-4. Vídeos em distribuição por Light Cone <https://lightcone.org/fr>.